



## **O COMPROMETIMENTO DOS JORNAIS GAÚCHOS COM A CAUSA AMBIENTAL À LUZ DA FUNÇÃO DOS TEMPOS VERBAIS.<sup>1</sup>**

Juliana da Rocha Pedroso<sup>2</sup>

Elias José Mengarda<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

### **RESUMO**

Este artigo analisa a função dos tempos verbais no discurso das reportagens sobre meio ambiente veiculadas pela mídia impressa gaúcha, com o objetivo de avaliar o comprometimento dos veículos com a causa ambiental. Como metodologia utilizou-se a função dos tempos verbais proposta por Weinrich (apud KOCH, 2006a). Analisou-se os jornais Zero Hora, O Diário de Santa Maria e O Alto Uruguai, no período entre 01/08/09 e 30/09/09. Os resultados revelam que na maioria das reportagens analisadas predominam o discurso comentado e nas duas reportagens que foram comparadas sobre um mesmo assunto houve predominância de grupos verbais contrários.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo impresso; meio ambiente; educação; tempos Verbais.

### **1 INTRODUÇÃO**

Os desastres ambientais são considerados pelos cientistas como consequência das transformações climáticas as quais afetam intensamente a humanidade. Como resultado destas demandas em prol do meio ambiente, produziu-se o que se denomina, hoje, de um tipo de jornalismo caracterizado como ambiental.

Levando em conta este contexto de apelos provenientes de grupos organizados como ONGs, escolas, setores políticos mais engajados e os veículos de comunicação em prol da preservação ambiental e do desenvolvimento sustentável este trabalho visa analisar como se processa a construção do discurso na mídia impressa gaúcha já que se trata de um tema que desafia governos e instituições privadas, colocando em cheque interesses diversos. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa visa investigar se a informação emitida pelos jornais

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces comunicacionais do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Estudante de graduação do 8º semestre do curso de Jornalismo da UFSM-CESNORS, email: [juddy\\_pedroso@yahoo.com.br](mailto:juddy_pedroso@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da UFSM-CESNORS, email: [eliasmengarda@yahoo.com.br](mailto:eliasmengarda@yahoo.com.br)



avaliados se caracteriza como informativa ou opinativa. Ou seja, procura-se avaliar se os periódicos além de informar aos seus leitores sobre determinados assuntos também se posicionam, sobretudo, diante de fatos que têm impacto sobre o ambiente e repercutem seu posicionamento junto à população afetando-a direta ou indiretamente. Dependendo do tipo de abordagem proposta pela matéria espera-se algum tipo de reação do destinatário/receptor que pode ser de distanciamento ou de envolvimento com o que está sendo apresentado. É esta dialética do narrado e/ou do comentado que gera a tensão ou o relaxamento do destinatário, conforme ilustra a teoria de Weinrich (apud KOCH, 2006a, 2006b). Uma outra motivação importante desse estudo é verificar a frequência com que os jornais abordam a temática da preservação ambiental.

No decorrer da formação do *corpus* constatou-se que os jornais gaúchos não apresentam editoria fixa sobre o tema ambiente, aliás são poucos os periódicos, no Brasil, que mantêm este tipo de abordagem, como, por exemplo, O Estado de São Paulo. Esta questão da existência de um caderno específico voltado ao assunto, é um fato que se questiona, pois meio ambiente é um tema transversal que está presente em outras editorias. A importância de analisarmos a composição discursiva está no fato de que hoje a sociedade vive em um mundo digital em que a internet proporciona a velocidade da comunicação.

Contudo, destacamos que a abordagem do tema sobre ambiente está presente em outras temáticas, tais como economia e desenvolvimento sustentável. Ao analisarmos a mídia impressa é possível detectar o tipo de papel que esta tem e o caráter que possui como formadora de opinião e de educação da consciência ecológica.

## **2 CONSTRUÇÃO DO DISCURSO E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NA MÍDIA IMPRESSA**

No mundo em que vivemos hoje em dia, a mídia é marcada por espaços sociais onde existe uma diversidade de discursos que se conectam uns com os outros. Isto resulta na circulação de formas diferentes de discursos. Segundo Maingueneau (1997), as formações discursivas devem ser vistas sempre a partir de um espaço social que gera situações discursivas específicas. Quando se fala em qualquer tipo de discurso, seja político, econômico ou ambiental significa que cada um deles compreende um conjunto de enunciados, apoiados num determinado sistema de formação discursiva.

Por isso, entende-se que cada editoria desenvolve um discurso específico a fim de abordar temáticas que muitas vezes são conflitivas, mas dependendo dos recursos discursivos



usados pelo redator, é possível a utilização de mecanismos de argumentação em que ele toma posição declarada ou se ausenta utilizando estratégias polifônicas para salvaguardar-se.

Diante disso, Orlandi (1996) explica que na análise de discurso, a palavra se constitui em um ato social com todas as suas implicações, como os conflitos, relações de poder, constituição de identidades em que os atores sociais interagem num determinado contexto social.

De acordo com Beling e Peruzzolo (2008, p. 5) “toda e qualquer estratégia discursiva procura determinado efeito de sentido.” Conforme aponta os autores, essas estratégias nem sempre terão a resposta esperada pelo produtor. Isso acontece porque não há garantias de que o receptor receberá a estratégia da maneira imaginada pelo seu produtor. No percurso até o receptor, há influência de contextos e a mensagem pode sofrer algum tipo de desvio.

Entende-se que o enunciador procura por meio do texto conduzir o leitor a tomar determinadas conclusões. Estas conclusões podem relacionar-se a manter um distanciamento ou trazer o destinatário para a discussão proposta. Quando os autores afirmam que qualquer estratégia discursiva produz determinado efeito de sentido não se tem uma certeza objetiva de que todos os destinatários vão ter a mesma reação.

No jornalismo ambiental encontramos grande quantidade de revistas, sites, blogs voltados para este tema. De acordo com Bueno (2007), estas publicações geralmente são custeadas pelas próprias empresas. O fato de existir empresas poluidoras que utilizam os veículos de comunicação, e mais recentemente as mídias ambientais apresentando um discurso “pretensamente preservacionista” é um fator, no mínimo duvidoso que segundo o autor não deve ser visto como uma mera coincidência. Finalmente, é ainda o jornal a fonte de informação mais acessível e de maior credibilidade. Nesse sentido o jornalismo ambiental apresenta grande responsabilidade no compromisso com o interesse público por tratar-se de um veículo que ainda detém confiabilidade.

## **2.1 A Função dos tempos verbais**

O artigo utiliza da teoria de Weinrich (apud KOCH, 2006a, 2006b) quanto à função dos tempos verbais no interior do discurso jornalístico nesta pesquisa. De acordo com este autor as situações comunicativas se dividem em dois grupos. No primeiro grupo temos o mundo comentado e no segundo grupo, o mundo narrado. Ao mundo narrado pertencem todos os tipos de relato, literários ou não. Ao mundo comentado pertencem o ensaio, o diálogo e o comentário. O emprego dos tempos comentadores (grupo I) constitui um sinal de alerta para



advertir o ouvinte de que se trata de algo que o afeta diretamente e de que o discurso exige a sua resposta. Já o emprego dos tempos narradores (grupo II) convida o destinatário a converter-se em simples ouvinte.

Portanto, para sintetizar, apresentamos a seguir os dois grupos verbais que sinalizarão o tipo de situação comunicativa desenvolvida nos enunciados.

**Tabela 1-** Grupos verbais

<b>Grupo I (mundo comentado)</b>	<b>Grupo II (mundo narrado)</b>
Presente do indicativo; Pretérito Perfeito Composto; Futuro do Presente; Futuro do Presente simples e locuções.	Pretérito Perfeito Simples; Imperfeito; Mais que Perfeito; Futuro do Pretérito e locuções.

Fonte: Koch (2006b, p. 35).

“Comentar é falar comprometidamente” (KOCH, 2006b, p. 36). Esta ideia confirma o que foi colocado anteriormente, isto é, os enunciados nem sempre são neutros como acreditamos que sejam, pois o repórter ao criar seu texto emite uma opinião.

A partir da identificação dos tempos verbais, é possível examinar se a reportagem se caracteriza como informativa ou opinativa. Uma outra noção importante apontada na teoria de Weinrich (apud KOCH, 2006a, p. 57) é a de *metáfora temporal*, em que pode ocorrer o emprego de um tempo de um dos mundos no interior de outro. O uso de um tempo do mundo comentado no interior do mundo narrado significa maior engajamento do destinatário em relação ao que é escrito pelo redator. O emprego de um tempo do mundo narrado em um texto do mundo comentado significa menor comprometimento e distância do enunciador.

Conforme ensinam os autores citados, não significa que o texto narrado exclui a possibilidade de argumentação. No entanto, esses autores deixam bem claro que o texto comentado é explicitamente opinativo ou interpretativo em que o locutor se envolve. Nesse sentido os textos jornalísticos constituem material apropriado para identificar os posicionamentos dos locutores. Como podemos ver é possível a partir da teoria proposta por Weinrich averiguar se os textos jornalísticos analisados se enquadram numa perspectiva de comentário ou de relato.

### **3 DISCURSO MIDIÁTICO E MEIO AMBIENTE**

O Jornalismo ambiental tem como objetivo divulgar pesquisas e dados relacionados ao tema meio ambiente e informar seus leitores sobre questões que envolvem ecologia. “Ele é



uma subespecialização do jornalismo científico em que são divulgadas informações sobre ecologia e ciências do ambiente, segundo os critérios e o sistema de produção jornalística. A informação ambiental surge como resultante histórica do processo de “popularização” da Ecologia.” (Targino e Barros apud MENEZES, 2008, p. 34)

Já o Jornalismo Científico, em resumo, compreende a veiculação, segundo os critérios e o sistema de produção jornalísticos, de informações sobre ciência, tecnologia e inovação (BUENO, 2007).

Assim sendo, a ciência em si exige um esforço a mais da comunicação, pois deve desenvolver a linguagem especializada, mas ao mesmo tempo, sem deixar de ser compreensível. Assim, acaba exigindo um nível e um esforço maior no entendimento mais preciso da informação. De certa forma, isto dificulta o acesso ao conhecimento por uma parcela significativa da sociedade.

Beling e Peruzzolo (2008, p. 5) apontam que “as diferenças entre o jornalismo científico e o ambiental está na constituição de seus formatos que devem elencar detalhes para atrair e consolidar um público específico.” Conforme os autores o jornalismo ambiental promove uma visão mais crítica da realidade porque mostra os fatos devido à pressão exercida por ativistas organizados, militantes ecológicos, partidos políticos.

De acordo com Bueno (2004), o jornalista ambiental tem um compromisso que se estende além da jornada de trabalho. Como aponta o autor, consciente e capacitado, o jornalista ambiental será militante sempre. Assim como os demais ramos da ciência ele pode traduzir o conhecimento científico de sua área o mais próximo possível do receptor/destinatário.

Como apontado por Menezes (2008), a mídia divide-se em dois blocos: a “grande imprensa” e o jornalismo segmentado. Em se tratando do jornalismo ambiental, a “grande imprensa” privilegia as notícias factuais e de maior impacto para um público heterogêneo. Já o jornalismo segmentado fica com responsabilidade de abordar as informações de uma forma mais aprofundada quanto à questão ambiental. Existe uma necessidade de contemplar realidades e interesses diversos no processo de produção jornalística. Como Bueno (2004) aponta, a cobertura ambiental apresenta singularidades quando se considera a imprensa de informação geral e/ou de negócios e a imprensa segmentada ou especializada.

Entendemos pela colocação dos autores que quando a informação é genérica não há uma preocupação acentuada com o conteúdo em atender a um público específico. Por outro lado, quando a abordagem se refere a negócios ou às pesquisas científicas o conteúdo é de nível elevado e exige um comprometimento maior do público destinatário.



De acordo com Bueno (2004), há uma diferença fundamental entre a qualificação da cobertura que é empreendida pela mídia especializada, esteja ela sob a responsabilidade de editoras comerciais ou de jornalistas empreendedores e combativos, e a da imprensa geral, respaldada por vários interesses, quase sempre conflitantes, com as demandas da maioria da população e, principalmente, dos segmentos menos favorecidos.

A respeito dessa temática, John (2001, p. 93) complementa: “É verdade que ainda há muitos redutos da imprensa, insistindo em priorizar o escândalo ou o exótico, em detrimento do educativo, na cobertura de questões ambientais”.

O questionamento que se faz em torno da mídia especializada é se esta tem condições de sobreviver por si só, uma vez que, geralmente, busca sustento via empresas e organizações que lançam, concomitantemente, campanhas publicitárias em prol da preservação do meio ambiente e/ou para vender seu produto. O que questiona-se é que a empresa pode vir a estar em desacordo por algum motivo com alguma lei ambiental, mas esta não será denunciada nas páginas dessas mídias especializadas por motivos que podem ir contra os seus interesses.

A Mídia tem papel relevante na formação da opinião e da consciência dos cidadãos. Também, desempenha uma função extremamente importante quando se trata de pensar que os jornalistas, via de regra, tem tomado partido em favor da causa ecológica. Os jornalistas mesmo sem ter uma função como educadores no sentido estrito da palavra, acabam participando da formação de cidadãos, pois tem como função trazer informação às pessoas.

As informações que são veiculadas dentro dos textos dos veículos impressos podem proporcionar um amplo conhecimento sobre os mais diversos assuntos relacionados ao tema meio ambiente. Na internet, circula uma quantidade considerável de informações que nem sempre estão disponíveis devido à dificuldade de acesso. Isso pode ser ocasionada não só por limites tecnológicos, educacionais mas também pela falta de adequação de algumas mensagens aos seus públicos de interesse ou mesmo ao cidadão comum.

Quando se fala em formação da consciência ambiental entende-se que a ciência tem um papel fundamental na proposição de soluções para os impactos ambientais. Nesse sentido, a mídia afeta direta e indiretamente a humanidade quando se compromete ou se omite por interesses escusos. John (2001) assinala que há pesquisas que mostram que os brasileiros são simpáticos às causas ambientais, entendendo, por exemplo, a importância da conservação da natureza e do meio ambiente como um todo. Entretanto, demonstram não ter clareza sobre o que podem fazer individualmente e/ou preferem que governos e organizações especializadas cumpram as responsabilidades pela proteção da natureza.

As reportagens ambientais deveriam cumprir suas funções básicas de compromisso



com a verdade. Esse comportamento midiático tem importância social e pedagógica. Lage (2003, p. 23) explica que a mídia “ao informar, complementa e atualiza conhecimentos, e neste sentido, educa; ao transmitir conhecimento, atua sobre a sociedade e cultura, determinando escolhas econômicas e, no fim, opções político-pedagógicas”.

Mais do que ampliar e/ou dar mais espaço ao tema ambiental, os meios de comunicação (leia-se jornalistas) precisam preparar-se com maior profundidade para transmitir corretamente as questões sobre os assuntos ambientais, mostrando à população o porquê da ocorrência de certos fenômenos que comprometem o planeta.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia para abordar este estudo é baseada na teoria de Weinrich (apud KOCH 2006a e 2006b), além de estudos também de Ducrot (apud KOCH, 2006b, p. 140). A pesquisa procura identificar as situações comunicativas em função do uso dos tempos verbais nas matérias jornalísticas que compõem o corpus dessa pesquisa. Os autores em questão sugerem que a predominância de tempos verbais de um determinado grupo pode indicar um caráter informativo e/ou opinativo.

Procurou-se observar se os textos analisados provocam algum tipo de apelo, se atentam para algum tipo de posicionamento do destinatário ou simplesmente, veiculam informações que pelo tipo de abordagem não provocam reações no leitor/destinatário. A predominância de um ou de outro grupo verbal provoca possibilidades de reação diversas por parte dos destinatários, entendendo que há destinatários mais ou menos exigentes em nível de informação.

Nesta pesquisa foram analisados os jornais Zero Hora, O Alto Uruguai e o Diário de Santa Maria. O material utilizado para a análise consistiu da coleta das edições entre 01/08/09 a 30/09/09. O ZH é um periódico de circulação diária em todo o estado do Rio Grande do Sul, que no decorrer dos seus 45 anos de existência conquistou tradição, autoridade e respeito pelo público leitor. O AU circula há 43 anos na região do Médio Alto Uruguai, abrange cerca de 22 municípios e circula semanalmente<sup>4</sup>. O DSM tem 8 anos de existência e circula diariamente. ZH e DSM pertencem ao grupo RBS.

O motivo da escolha destes três jornais deu-se pela finalidade em avaliar o grau de comprometimento que a mídia impressa gaúcha tem com as questões ambientais com relação

---

<sup>4</sup> Durante o período de seleção do *corpus*, o Jornal O Alto Uruguai era semanal, passando posteriormente à bissemanal.



à ecologia. Ou seja, independente de um periódico já ter uma tradição ou não, circular em todo o estado ou somente numa determinada região, seja diariamente ou semanalmente, a análise pretende averiguar se há um compromisso na veiculação de jornalismo ambiental e que tipo de abordagem é dada por esses periódicos ao tema.

Após o período de dois meses de análise e coleta foi feita uma seleção de cinco reportagens, de forma aleatória, nos jornais que apresentaram assuntos relacionados ao tema a fim de verificar o tipo de discurso no veículo. Escolheram-se assuntos ligados ao contexto ambiental com temas diferentes e buscou-se analisar duas reportagens de veículos distintos que fossem publicadas no mesmo dia e envolvesse o mesmo tema a fim de fazer um comparativo quanto à abordagem dada. Pelos objetivos e critérios que foram estabelecidos para esta pesquisa optou-se por não utilizar as matérias publicadas no DSM na seleção das reportagens para análise considerando-se que não se enquadravam no gênero textual reportagem. Porém, não se excluiu o periódico da pesquisa visto que um dos objetivos do estudo era avaliar se o veículo apresentava compromisso na divulgação de informações sobre o ambiente.

A escolha do gênero jornalístico “reportagem” para analisar o caráter informativo e/ou opinativo nos textos deu-se pelo fato de que as reportagens apresentam e/ou devem apresentar uma contextualização e um detalhamento mais amplo da temática tratada.

## **5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A seguir apresentamos os resultados procurando discuti-los à luz das teorias propostas.

### **5.1 Examinando o discurso nos periódicos gaúchos – efeitos de sentido**

Com o objetivo de verificar o tipo de comunicação proposto pelos jornais analisados procurou-se nas reportagens selecionadas examinar a função dos tempos verbais a fim de averiguar se um texto demonstra ser mais opinativo ou informativo conforme indica tabela 2.





**Tabela 2-** Percentagens das reportagens em cada grupo verbal

		JORNAL ZERO HORA													
TEXTO (TÍTULO)	DATA	GRUPO I (Tempo Comentado)						GRUPO II (Tempo Narrado)						% de predominância	
		P.P.C	PR	F. PR	F.PRES.C	LOC	TOTAL	P.P.S	IMP.	M.Q.P.	F.PRET	LOC	TOTAL	Grupo I	Grupo II
1. Pantanal do Brasil	08/set	0	96	1	0	12	109	2	4	0	1	1	8	93,2	6,8
2. A parte do CD no efeito estufa	31/ago	0	26	1	0	4	31	1	0	0	0	0	1	96,9	3,1
3. Uma taxa contra o aquecimento global	10/set	0	18	5	0	9	32	7	2	0	1	4	14	69,6	30,4
4. Vento, granizo e destruição no feriado	08/set	0	48	2	0	16	66	80	15	0	0	13	108	37,9	62,1
5. Fim de semana com risco de cheia	12/set	0	49	2	0	19	70	12	3	0	0	11	26	72,9	27,1
		JORNAL O ALTO URUGUAI													
1. Coleta de lixo em Frederico Westphalen e região apresenta problemas	19/set	0	51	4	0	16	71	21	11	0	4	9	45	61,2	38,8
2. Temporais voltam a causar estragos na região	12/set	0	19	4	0	7	30	50	0	0	0	46	96	23,8	76,2
3. Estudos prevêem mais de 100 anos de exploração mineral em Ametista do Sul	05/set	0	53	3	0	17	73	12	4	0	0	5	21	77,7	22,3
4. Liberada pesca no rio Uruguai	15/ago	0	7	3	0	4	14	19	2	0	0	11	32	30,4	69,6
5. Corte de subsídio causa dilema na distribuição de dejetos de suínos	12/set	0	32	1	2	10	45	13	0	0	0	1	14	76,3	23,7

Legenda: P.P.C= Pretérito Perfeito Composto; PR= Presente do Indicativo; F.PR=Futuro do Presente; F.PRES.C=Futuro do Presente Composto; P.P.S= Pretérito Perfeito Simples; IMP= Imperfeito; M.Q.P= Mais que Perfeito; F.PRET= Futuro do Pretérito.

Conforme podemos examinar na tabela 2, os dados indicam que as reportagens selecionadas do jornal ZH, apresentam preponderância de verbos do grupo I, isto é, do tempo comentado. No entanto, notou-se a presença de um caso de metáfora temporal, em duas das reportagens analisadas.

Entende-se por metáfora temporal, de acordo com a teoria de Weinrich (apud KOCH, 2006a, p. 57), a introdução de um quando se introduz um ou mais tempos do mundo narrado no mundo comentado (ou vice-versa). Assim, por exemplo, o uso do futuro do pretérito em situações comentadoras exprime uma validade limitada, pois traz ao contexto comentador o que é peculiar ao mundo narrado, o qual provoca um certo relaxamento induzindo o destinatário ao um certo descompromisso com o que está sendo tratado.

Um exemplo em que há presença temporal foi retirado da reportagem nº 3 “Uma taxa contra o aquecimento global”.

“A líder socialista Ségolène Royal, que perdeu para Sarkozy, as eleições de 2007, disse que a taxa *seria* injusta para cidadão de baixa renda que dependem de seus carros para viver [...]”.

Nota-se que a notícia não se confirma, há limitação de validade. O enunciador não se responsabiliza pela exatidão da notícia o que significa a presença de uma outra voz e não do autor que escreveu a reportagem.

No AU há um maior equilíbrio dos tempos verbais, mas o tempo verbal que predomina em maior quantidade também corresponde ao grupo I, ou seja, do mundo comentado, havendo



duas reportagens com predominância do grupo II, cujo o foco é o mundo narrado. Também há presença de metáfora temporal em duas reportagens, conforme tabela acima.

Na reportagem nº 1 “Coleta de lixo em Frederico Westphalen apresenta problemas” há a presença de quatro ocorrências num mesmo texto, sendo que duas delas aparecem num mesmo parágrafo, conforme fragmento retirado do texto abaixo.

“[...] a concepção foi uma Central de Triagem, que previa duas frentes de trabalho; inicialmente *seria* a separação do lixo na origem e a outra *seria* o lixo normal, fora dos padrões de coleta seletiva.”

Passado os dois meses de coleta dos dados verificou-se que o jornal ZH publicou 84 notícias de cunho ambiental, incluindo matérias, reportagens, notas e um artigo. O jornal AU publicou 16 notícias sobre o tema, incluindo matérias (grandes e pequenas) e reportagens. O DSM, por sua vez, publicou em torno de 20 notícias, porém a maior parte referente a matérias que não ultrapassam meia página e não caracterizam texto- reportagem.

Independente de o jornal ter circulação diária ou não, pode-se observar que existe um compromisso com a temática ambiental, porém não é suficiente para os objetivos desta pesquisa. A maioria das notícias que foram publicadas durante o período de análise no DSM se pautaram em divulgar informações quanto aos impactos das chuvas.

## 5.2. A categorização do *corpus*

Na tabela 3 apresentamos a totalidade de matérias dos três jornais pesquisados durante o período de dois meses.

**Tabela 3-** Dados quantitativos de categorias que o *corpus* apresentou durante o período de análise.

Categorias	Nº DE MATÉRIAS		
	ZH	DSM	AU
Ações de Governos e Instituições ambientais	5	3	2
Impactos ambientais/ estragos decorrentes do clima	12	9	3
Educação ambiental/reciclagem	13	2	2
Legislação ambiental	0	1	2
Questões energéticas, recursos hídricos, poluição	4	0	4
Ciência e biodiversidade/ animais	12	2	2
Outros assuntos referentes ao tema	38	3	1
Total	84	20	16



De acordo com a tabela 3, verificou-se que ZH publicou em relação aos outros periódicos, uma quantidade maior das temáticas apresentadas, porém sobressaiu-se em três delas, quanto ao número de publicações. O DSM publicou uma quantidade de assuntos bem menor comparado ao ZH. Ambos têm circulação diária. O DSM só não circula aos domingos. Independente disso, o que pode ser analisado é que ele distribui as poucas notícias em todas as categorias, porém deve-se ressaltar que são matérias pequenas e/ou notas e reportagens. Quanto ao tema relacionado ao ambiente quase não aparecem reportagens no jornal DSM. O AU publicou alguma matéria ou reportagem em todas as categorias, lembrando que é um jornal de circulação semanal e de alcance regional.

As reportagens selecionadas apresentam assuntos relacionados aos seguintes temas: ZH: 1ª fauna/biodiversidade; 2ª/3ª aquecimento global; 4ª/5ª clima/impacto ambiental. No jornal AU foram: 1ª coleta seletiva do lixo; 2ª clima/impacto ambiental; 3ª e 4ª preservação ambiental; 5ª ciência.

Duas das reportagens selecionadas foram veiculadas no mesmo dia (12/09) sobre o mesmo tema, nos jornais ZH e AU. Ambas abordam a problemática que as chuvas causaram na região. A reportagem publicada no ZH é do tipo especial, recebendo duas páginas, com dois subtítulos e ilustrada com fotos coloridas e gráficos. A reportagem aborda a questão do aumento do nível dos rios por causa das chuvas, alertando para as consequências que as enchentes podem trazer. Entretanto, não explica e nem comenta o fenômeno climático: El Niño, como traz na *cartola*<sup>5</sup> da reportagem.

A reportagem veiculada no AU relata os estragos que o temporal, em consequência das chuvas causou na região de Frederico Westphalen. Também recebeu duas páginas do periódico, porém dividindo espaço com anúncios publicitários. Tem cinco fotos pequenas e em preto e branco.

Mesmo com a finalidade de informar a sociedade, as duas reportagens publicadas no dia 12/09, com o mesmo tema diferenciam-se no gênero. A reportagem do ZH intitulada “Fim de semana com risco de cheia” apresenta uma percentagem de predominância dos tempos verbais de 72,9 % do grupo I e 27,1 % do grupo II. Assim observa-se que a reportagem pertence ao mundo comentado, pois isso evidencia um caráter mais opinativo, ou seja, provocando o leitor a posicionar-se sobre o tema abordado pelo enunciador.

A reportagem do AU intitulada “Temporais voltam a causar estragos na região” apresenta uma percentagem de: 24,2% do grupo I e 75,8 % do grupo II informando

---

<sup>5</sup> O mesmo que retranca ou chapéu. Uma ou mais palavras usadas para definir o assunto da matéria. É usada sobre o título do texto.



simplesmente a sociedade dos estragos. Observa-se que, quanto aos tempos verbais, as reportagens têm percentagens parecidas em que predominam grupos verbais contrários.

Por outro lado, o jornal DSM não publicou um número de reportagens suficientes no período de estudo que abrangesse matérias ambientais para que pudesse haver um comparativo com os outros dois jornais. As notícias publicadas no DSM, nesses dois meses, foram poucas e tratavam de assuntos referentes aos impactos das chuvas na região. Como foram selecionadas reportagens de diferentes assuntos dos outros dois veículos em análise, não teríamos como comparar as matérias do DSM com as reportagens dos outros dois veículos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da análise das reportagens sinalizam quanto à função dos tempos verbais, o predomínio do tempo comentado, o que significa que provocam reações no receptor demonstrando um caráter mais opinativo. Outro aspecto a sublinhar é que houve três reportagens, uma no jornal ZH e duas no AU, em que o predomínio foi de verbos do mundo narrado, o que significa que o enunciador preocupou-se em passar as informações sem visar persuadir ou influenciar o leitor.

Observamos que no DSM as publicações, na sua maioria, relacionam-se a assuntos sobre os impactos que as chuvas causaram ao ambiente e principalmente às pessoas. Conclui-se deste modo a não veiculação em quantidade significativa de reportagens de cunho ambiental. Isto é um fator que demonstra uma certa tendência da mídia em noticiar as tragédias que têm caráter passageiro dando pouca ênfase às políticas ambientais e ao desenvolvimento sustentável e que se possa denominar soluções ou projetos para prevenção efetiva do meio ambiente. O jornal ZH é o que mais demonstrou comprometimento com o tema, conforme expressam as análises das tabelas e quadros.

Outro fator que se pode ressaltar é a questão que tanto o ZH quanto o DSM pertencem ao mesmo grupo RBS, no entanto, suas abordagens são diferentes, pois o DSM além de publicar pouquíssimas notícias relacionadas ao tema se pauta em priorizar os fatos locais, dando voz à comunidade, o que inclusive pode ser uma característica do periódico. E o que se percebe é que o jornal mais tradicional é que fica com a “responsabilidade” de divulgar questões mais contextualizadas sobre a questão ambiental do planeta aos leitores.

Outro aspecto a se observar na comparação das duas reportagens publicadas no dia 12/09, com o mesmo tema em veículos diferentes é que elas têm percentagens parecidas, em



grupos verbais contrários o que pode-se ressaltar como a abordagem foi diferente em ambos os jornais. A reportagem publicada no ZH mostrou caráter opinativo devido a predominância dos tempos verbais do grupo I. Já a reportagem publicada no o AU mostrou uma abordagem de caráter informativo devido à predominância dos tempos verbais do grupo II.

Quanto ao AU, mesmo sendo semanal, é um jornal que veicula uma quantidade considerável de informações de cunho ambiental abordando assuntos relacionados às múltiplas facetas do meio ambiente. Isto mostra que um jornal do interior pode atuar de forma comprometida tanto quanto ou até mais do que um jornal de circulação diária. Não é a frequência da publicação de determinado veículo que mostra o comprometimento de um veículo em relação à causa ambiental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELING, E. PERUZZOLO, A. **Como o meio ambiente é tematizado no discurso jornalístico da Folha de São Paulo**. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2008

BUENO, W. C. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente**: teoria e pesquisa. 1. ed. São Paulo: Mojoara Editorial. 2007.p 13-54.

BUENO, W. C. **Jornalismo Científico e a democratização do conhecimento**. In Portal do Jornalismo científico, São Paulo, 2007. Disponível em: <[http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo\\_cientifico/artigo27.php](http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo27.php)>. Acesso em: 20 jan. 2010

BUENO, W. C. **Jornalismo Ambiental**: navegando por um conceito e por uma prática. In Portal da Comunicação em Agribusiness e Meio Ambiente, São Paulo, 2004. Disponível em: <[http://www.agricoma.com.br/agricoma/artigos/jornalismo\\_ambiental/artigo1.php](http://www.agricoma.com.br/agricoma/artigos/jornalismo_ambiental/artigo1.php)>. Acesso em: 15 dez. 2009.

KOCH, G. V. I. **Argumentação e Linguagem**. 10. ed. São Paulo: Cortez. 240p, 2006.

\_\_\_\_\_. **A inter-ação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

JOHN, L. **Imprensa, Meio Ambiente e Cidadania**. In: Revista Ciência e Ambiente. Santa Maria: UFSM, V. 23, julho/ dezembro, 2001.

LAGE, N. **A Reportagem**: teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise da Comunicação**. Campinas-SP: Pontes, 1997. 198 p.

MENEZES, F. P. D. **Mídia e Questões Ambientais**: Análise do discurso ambiental nos jornais mineiros. 157f. Dissertação ( Mestrado em Jornalismo- Extensão Rural)- Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Novo Hamburgo – RS 17 a 19 de maio de 2010

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento – As formas do discurso**. Campinas –SP:  
Pontes, 1996.